

Poema do Autocarro

Â Â Â

Â

"Quantos biliões de homens! Quantos gritos
de pânico terror!
Quantos ventres aflitos!
Quantos milhares de litros
do movediço amor!
Quantos!
Quantas revoluções na císmica viagem!
Quantos deuses erguidos! Quantos Adolos de barro!
Quantos!
atô eu estar aqui nesta paragem
Â espera do autocarro.
E aqui estou, realmente.
Aqui estou encharcado em sangue de inocente,
no sangue dos homens que matei,
no sangue dos impérios que fiz e que desfiz,
no sangue do que sei e que não sei,
no sangue do que quis e que não quis.
Sangue.
Sangue.
Sangue.
Sangue.
Amanhã, talvez nesta paragem de autocarro,
numa hora qualquer, H ou F ou G,
uns homens hão-de vir cheios de medo e sede
e me hão-de fuzilar aqui contra a parede,
e eu nem sequer perguntarei porquê.
Mas...
Não há mas.
Todos temos culpa, e a nossa culpa é mortal.
Mas eu sã faço o bem, eu sã desejo o bem,
o bem universal,
sem distinguir ninguém.
Todos temos culpa, e a nossa culpa é mortal.
Eles virão e eu morrerei sem lhes pedir socorro
e sem lhes perguntar porque maltratam.
Eu sei porque é que morro.
Eles é que não sabem porque matam.
Eles são pedras roladas no caos,
são ecos longínquos num bazio de sons.
Os homens nascem maus.
Nós que havemos de fazê-los bons.
Procuro um rosto neste pequeno mundo do autocarro,
um rosto onde possa descansar os olhos olhando,
um rosto como um gesto suspenso
que me estivesse esperando.
Mas o rosto não existe. Existem caras,
caras triunfantes de viciados,
soberbamente ignaras
com desvergonhas dissimuladas nos interstícios.
O rosto não existe.
Procura-o.
Não existe.
Procura-o.
Procura-o como a garganta do emparedado
procura o ar;
como os dedos do afogado
buscam a tábua para se agarrar.
Não existe.

VÃas aquele par sentado alÃm ao fundo?
VÃs?
Alheio a tudo quanto vai pelo mundo,
simboliza o amor.
Podia o cÃu ruir e a terra abrir-se,
uma chuva de lodo e sangue arrasar tudo
que eles continuariam a sorrir-se.
NÃo crÃs no amor?
NÃo ouves?
NÃo crÃs no amor?
Cala-te, estupor.
Tenho vergonha de existir.
Vergonha de aqui estar simplesmente pensando,
colaborando
sem resistir.
Disso, e do resto.
Vergonha de sorrir para quem detesto,
de responder pois Ã©
quando nÃo Ã©.
Vergonha de me ofenderem,
vergonha de me explorarem,
vergonha de me enganarem,
de me comprarem,
de me venderem.
Homens que nunca vi anseiam por resolver o meu problema concreto.
Oferecem-me automÃveis, frigorÃ-ficos, aparelhos de televisÃo.
Ã‰ sÃ³ estender a mÃo
e aceitar o prospecto.
A vida Ã© bela. Eu Ã© que devia ser banido,
expulso da sociedade para que a nÃo prejudique.
HÃ£?
Ah! Desculpe. Estava distraÃ-do.
Um de quinze tostÃes. Campo de Ourique."

AntÃnio GedeÃ£o, in MÃquina de fogo